

TÍTULO: PROMOVEDO A DIVERSIDADE TEXTUAL EM SALA DE AULA

AUTORES: Telma Ferraz Leal – tfleal@terra.com.br, Gilda Lisbôa Guimarães – Gilda@hotlink.com.br, Leila Nascimento da Silva – lewa10@bol.com.br

INSTITUIÇÃO: Universidade Federal de Pernambuco

ÁREA TEMÁTICA: educação

O presente trabalho faz parte de um Projeto de Extensão e Pesquisa, intitulado "A Formação Continuada de Professores e o Processo de Produção de Texto na Escola". Embora este projeto tenha começado a ser desenvolvido em 2000, faremos, nesse momento, algumas reflexões sobre os resultados parciais no ano de 2001.

Temos como objetivo específico deste subprojeto verificar se a formação continuada provocou mudanças quanto à seleção dos gêneros textuais a serem trabalhados com os alunos. Objetivamos, também, investigar quais foram os gêneros textuais mais utilizados nas aulas no decorrer dessa formação e se, na condução de aulas sobre produção de textos, as professoras delimitaram claramente tais gêneros.

Referencial Teórico

Somente o ser humano é capaz de comunicar-se através de uma língua. Partindo disto, encaramos a atividade verbal como uma atividade essencialmente humana que se passa até certo nível mediante os signos de uma língua, movidas por intenções internas e externas. Os indivíduos, então, procurariam estabelecer, através da linguagem, uma relação dialógica com o outro. Como bem comenta Bakhtin (1997, p. 317): "*(...) Nosso próprio pensamento... nasce e forma-se em interação e em luta com o pensamento alheio, o que não pode deixar de refletir nas formas de expressão verbal do nosso pensamento.*"

O papel do "outro" nesse movimento é bastante significativo, uma vez que este não fica estático, mas interage com o falante/e ou produtor, na busca não apenas de captar os conteúdos tratados, mas de reconstruir o sentido do discurso emitido e descobrir seu objetivo. Compreendemos, desta forma, que a língua não pode ser concebida como um simples código, com função puramente informativa. A concepção de língua presente neste artigo perpassa a acima mencionada e se apóia na concepção sócio-interacionista (Koch, 2002), que entende a língua como algo produzido/construído socialmente entre sujeitos ativos e inseridos em situações de interação.

Considerando o que foi discutido, percebemos a necessidade de um ensino de língua que esteja de acordo com o contexto no qual estão inseridos os indivíduos presentes no processo ensino-aprendizagem em evidência. Não se deve artificializar o contato desses indivíduos com sua língua materna. Ao contrário, a escola deve procurar envolver seus alunos em situações concretas de uso da língua, de modo que consigam, de forma criativa e consciente, escolher meios adequados aos fins que se deseja alcançar. Pois, como bem afirma Schneuwly e Dolz (1999), a escola é sim um lugar original de comunicação.

Dentro dessa perspectiva do ensino de língua, tomamos como base o conceito de texto defendido por Koch:

"manifestação verbal de elementos lingüísticos selecionados e ordenados pelos falantes, durante a atividade verbal, de modo a permitir aos parceiros, na interação, não apenas a apreensão de conteúdos semânticos, em decorrência da ativação de processos e estratégias de ordem cognitiva, como também a interação(ou atuação) de acordo com práticas socioculturais." (1997, p. 22)

Então, o texto, seguindo a idéia expressa acima, não pode ser considerado como algo acabado e independente do contexto que é gerado. Mussalim e Bentes (2001) discutem que é no ato de produzir um texto que os falantes buscam entender seus objetivos, sempre reconhecendo as condições em que atividade de produção textual está sendo desenvolvida. O texto passa, assim, *"a ser abordado no seu próprio processo de planejamento, verbalização e construção."* (Koch, 1997, p.21). Para o leitor ouvinte, apenas conhecer o código não será suficiente. A compreensão real do texto (a busca pelo sentido) só será alcançada através da interação textos-sujeitos, não sendo algo que exista fora dessa interação (Koch, 2002).

Na medida em que os estudos sobre o texto ganham dimensão e esse passa a ser compreendido como parte de atividades mais amplas de comunicação, começa-se a se pensar na questão do gênero textual, que, hoje, merece lugar de destaque, sendo considerado não apenas como instrumento de comunicação, mas como objeto de ensino-aprendizagem. Já se percebe a necessidade de se trabalhar os gêneros textuais em sala de aula, rompendo com a prática de um estudo do texto que enfatiza os tipos textuais (narração, descrição, dissertação, etc.). Os próprios Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (Brasil, 2001) preconizam essa diversidade, propondo, como princípio didático, a organização de situações de aprendizagem que tenham por base a utilização dos gêneros textuais. Há de ser levado em consideração que em seu cotidiano os alunos entram, constantemente, em contato com essa

variedade de textos. Então, é papel da escola promover situações que favoreçam aos alunos o reconhecimento dos gêneros textuais, de modo que aprendam a produzi-los e conseqüentemente saibam utilizá-los no seu dia-a-dia, em contextos específicos. Pois, como ainda explicitam os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (Brasil, 2001 , p. 30), "*são os textos que favorecem a reflexão crítica e imaginativa, o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas, os mais vitais para a plena participação numa sociedade letrada*", que é um dos objetivos do Ensino Fundamental.

Tomamos como norte para tal discussão, o conceito de Gênero defendido por Bakhtin (1997). Segundo ele, os gêneros textuais são formas relativamente estáveis de enunciados que se definem por aspectos relacionados ao conteúdo, à composição estrutural e aos traços lingüísticos, extremamente ligados aos contextos (condições e finalidades) nos quais estão inseridos. É por esta dependência com relação ao contexto que eles são historicamente variáveis. Assim, a imensa diversidade de gêneros é que forma a língua.

Apesar de sua relativa estabilidade, os gêneros não são entidades fixas, que permanecem estáticos, independente do tempo e das mudanças ocorridas na sociedade (Machado, 1998). Ao contrário, há gêneros que desaparecem e outros que nascem, dependendo das necessidades dos falantes que os utilizam. É essa estabilidade e mobilidade que permite ao professor tomar o gênero como objeto de ensino. Mas, essa decisão merece cuidados, pois a entrada dos gêneros textuais na escola, acaba, de certa forma, transformando-os para favorecer o seu domínio. No entanto, é função da escola "*levar o aluno ao domínio do gênero, exatamente como este funciona (realmente) nas práticas de linguagem de referência.*" (Schneuwly e Dolz, 1999, p.9).

Outro aspecto importante sobre essa questão dos Gêneros como objeto de ensino diz respeito à preparação do professor para trabalhar com a diversidade textual, pois, como bem alerta Machado (1998, p.125), "*a falta de construção de conhecimento científico sobre inúmeros gêneros que se pretendem ensinar na escola pode fazer com que seu ensino fique submetido ao senso comum e à ideologia*". Uma outra autora, Gregolin (1993), também reconhece esse risco e vai mais além, comentando que a maioria das dificuldades que os alunos têm em produzir e interpretar textos poderia ser resolvida se o professor soubesse como trabalhar com o texto.

De fato, o trabalho com gêneros exige bem mais conhecimentos do professor, porém é reconhecida a importância de propiciar aos alunos o contato com eles, dando, assim, instrumentos para que possam enfrentar situações diversas de comunicação com sucesso.

Metodologia

O Projeto de extensão constou de um acompanhamento em serviço de professores das séries iniciais (1^a à 4^a séries) de 5 escolas da região metropolitana do Recife (4 públicas e 1 privada). O acompanhamento era realizado através de encontros pedagógicos mensais com 40 professoras, 5 educadoras de apoio e uma diretora. Nesses encontros, discutia-se várias temáticas com o intuito de ajudar as professoras no trabalho com a diversidade textual em sala de aula. Também foram feitas visitas semanais às escolas para observações em sala de aula de algumas dessas professoras e para atendimento às suas solicitações. As aulas observadas eram, então, gravadas e, posteriormente, descritas em forma de relatórios. Para este estudo, foram realizadas análises de observações de aula de 27 professoras, totalizando, assim, 181 observações.

Análise dos resultados

As análises feitas evidenciaram que a variedade dos gêneros textuais produzidos pelos alunos aumentou no decorrer da formação continuada. Como pode ser visto na tabela 1, nos meses de abril/maio (início da formação) foram utilizados 6 gêneros diferentes, já nos meses finais do ano (outubro a dezembro) esta quantidade subiu para 14, ou seja, mais que o dobro dos gêneros utilizados no começo. Gêneros não usuais (pouco solicitados na escola), como biografia, roteiro para entrevista, propaganda e artigo de opinião foram observados em sala de aula. Este último, por sua vez, teve sua frequência duplicada no decorrer dos meses (abril/maio: 4 solicitações; outubro a dezembro: 8). A concentração maior da variedade de textos aconteceu, de fato, ao final do processo de formação continuada. Isto demonstra que as professoras estavam preocupadas em possibilitar aos seus alunos um contato maior com os diversos gêneros existentes.

Apesar da diversidade de gêneros textuais encontrados, percebe-se, ainda, uma certa predominância de comandos que pedem a produção de histórias. No entanto, conseguiu-se estabilizar sua frequência e das 59 aulas de produção de texto observadas nos últimos meses do ano, apenas 8 (13,5%) enfocaram esse gênero.

Observou-se, conseqüentemente, que houve uma diminuição considerável da frequência de atividades de produção textual que tinham por base a utilização dos tipos textuais (narração, dissertação, descrição, entre outros). A tabela 1 mostra que o percentual era de 11,4% nos meses de abril/maio e caiu para 5,0% no final do ano. Percebe-se, assim,

que as professoras foram aos poucos reconhecendo que o trabalhado em sala de aula com textos deve girar em torno dos gêneros ao invés dos tipos textuais.

Tabela 1: Gêneros textuais produzidos pelos alunos no decorrer do ano letivo

	Abril/Maio		Junho/Julho		Agosto/Setembro		Outubro a Dezembro	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Não teve atividade de produção textual ou o gênero/tipo não foi delimitado(confuso)	11	31,4	06	19,3	15	26,7	17	28,8
Tipos de texto (narração, argumentação, etc)	04	11,4	02	6,4	03	5,3	03	5,0
História	10	28,5	10	32,2	14	25,0	08	13,5
Carta	02	5,7	03	9,6	05	8,9	08	13,5
Relato de experiência	-	-	02	6,4	-	-	04	6,7
História em quadrinhos	-	-	02	6,4	01	1,7	01	1,7
Biografia	-	-	-	-	02	3,5	-	-
Artigo de opinião	04	11,4	02	6,4	02	3,5	08	13,5
Propaganda	02	5,7	01	3,2	06	10,7	-	-
Bilhete	-	-	-	-	03	5,3	01	1,7
Poema	01	2,8	03	9,6	-	-	01	1,7
Receita	-	-	-	-	01	1,7	-	-
Fábula	-	-	-	-	-	-	01	1,7
Roteiro para entrevista	-	-	-	-	01	1,7	-	-
Resenha	-	-	-	-	-	-	01	1,7
e-mail	-	-	-	-	-	-	01	1,7
Notícia	01	2,8	-	-	01	1,7	-	-
Adivinhação	-	-	-	-	01	1,7	-	-
Aviso	-	-	-	-	-	-	01	1,7
Lista	-	-	-	-	-	-	02	3,4
Manual	-	-	-	-	-	-	01	1,7
Instrução de medicamento	-	-	-	-	01	1,7	-	-
Mensagem	-	-	-	-	-	-	01	1,7
Total	35	99,7	31	99,5	56	99,1	59	99,7

Apesar do aumento da diversidade de gêneros textuais em sala de aula, a tabela 2 mostra que muitas professoras continuaram a promover atividades de produção sem delimitação clara do gênero a ser produzido (22,0% em outubro a dezembro). No início do ano (abril/maio), em 51.4% das aulas houve delimitação clara do gênero a ser produzido, em contraste com 67.7% ocorridas nos meses finais.

Se considerarmos o montante total de aulas observadas durante o ano, verificaremos que em 75,1% das aulas houve delimitação do gênero ou tipo textual a ser produzido, o que demonstra o interesse das professoras por um melhoria do trabalho pedagógico.

Tabela 2: Tipos de situações de produção de texto propostas pelas professoras no decorrer do ano 2001.

	Abril/Maio		Junho/Julho		Agosto/Setembro		Outubro a Dezembro	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Não houve atividade de Produção de texto.	4	11,4	2	6,4	4	7,1	5	8,4
Situações em que o gênero ou tipo textual a ser produzido não estava explícito (claro).	5	14,2	4	12,9	8	14,2	13	22,0
Houve um trabalho com mais de um gênero textual na aula.	1	2,8	0	0,0	3	5,3	0	0,0
Há delimitação clara do tipo textual a ser produzido.	7	20,0	1	3,2	1	1,7	1	1,6
Há delimitação clara do gênero textual a ser produzido.	18	51,4	24	77,4	40	71,4	40	67,7
Total	35	99,8	31	99,9	56	99,7	59	99,7

Conclusão

No início dessa formação continuada, as professoras falavam que não sabiam conduzir aulas de produção textual. Foi por causa desses anseios que resolvemos trabalhar nos encontros o processo de produção de texto na escola, propiciando às professoras momentos de discussão em torno dessa temática.

Analisando os resultados obtidos, percebeu-se o quanto as professoras progrediram no trabalho com os gêneros textuais. Começaram a perceber a importância de possibilitar aos seus alunos um maior contato com a diversidade textual, priorizando, assim, os gêneros e não mais os tipos textuais.

Nas aulas de produção de texto observadas, percebeu-se a preocupação das professoras em dar orientações claras quanto ao gênero a ser produzido. Elas passaram a ver que o sucesso da atividade de produção textual dava-se em grande parte a um comando claro e a uma delimitação do gênero a ser produzido.

Embora reconheçamos os avanços, sabemos que essa busca por um trabalho com textos que efetivamente forneça aos alunos instrumentos para que possam enfrentar com sucesso diversas situações de comunicação está apenas iniciando, pois a todo momento essas professoras estarão pensando a respeito de sua prática e tentando melhorar o seu trabalho em sala de aula.

Referencias Bibliográficas

- Bakhtin, Mikhail. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- Brasil, Secretaria da Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais - Língua Portuguesa- vol.2. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, 2001.
- Gregolin, M.R.V. Linguística textual e ensino da língua: construindo a textualidade na escola. Alfa, v.37, 1993.
- Koch, Ingedore V. O texto e a construção dos sentidos. Coleção: caminhos da linguística. São Paulo: Contexto, 1997.
- Koch, Ingedore V. Desvendando os segredos do texto. São Paulo: Cortez , 2002.
- Machado, A. R. Gêneros de textos, heterogeneidade textual e questões didáticas. ABRALIN, nº 23, 1998.
- Mussalim, F. Bentes, A. C. Introdução à linguística 1: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001.
- Schneuwly, Bernard e Dolz, Joaquim (1999). Os gêneros escolares: Das práticas de linguagem aos objetos de ensino. Revista Brasileira de Educação, nº 11. 5-17.